



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Diálogos entre história e literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado

Prof^ª. Dr^ª. Vanessa Gandra Dutra Martins
Pós-Doutora em Educação (UNICAMP)
Bolsista CAPES REUNI em Estágio pós-doutoral do Programa de Literatura do Centro de Ciências da Comunicação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil.
E-mail: vanessagandra@gmail.com

Resumo: Este ensaio, através da abordagem da correspondência entre D. Pedro II e a Condessa de Barral, propõe a rediscussão de algumas possibilidades e limites da escrita epistolar a partir das posturas epistemológicas que diluam fronteiras e em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, real/não-real, ciência e arte, percebendo –a como uma narrativa autoral e subjetiva, como espaço discursivo de sujeitos que fabricam e esboçam um discurso ficcional sobre si e sua relação consigo mesmo aos olhos de outro, privilegiando mais as suas impressões do que as ações, bem como as interferências de sua alma e de seu corpo do que os acontecimentos exteriores, no sentido foucaultiano, ampliando assim a sua interpretação/utilização e contribuindo para uma maior aproximação entre história e literatura.

Palavras-chave: história, literatura, escrita epistolar, fonte histórica, correspondência.

A utilização das cartas pessoais e íntimas pela historiografia, após a crise de paradigmas se constitui uma questão delicada na fronteira entre história e literatura. Se o historiador está preso às fontes, estas fontes também não são o acontecido, mas pistas ou rastros para chegar a este. Se são discursos, são representações discursivas sobre o que se passou; se são imagens, são também construções, gráficas ou pictóricas, por exemplo, sobre o real. Assim, os traços que chegam do passado possuem uma condição dúbia: de um lado, são restos, marcas de historicidade; de outro, são representações de algo que teve lugar no tempo. O que faz com que os historiadores necessitem de um constante exercício de aproximação e distanciamento entre história e literatura. E literatura contribui muito para o olhar particular do historiador diante da representação de algumas fontes. Este artigo procura demonstrar a possibilidade da utilização da escrita epistolar como fonte histórica e sob a perspectiva das teorias literárias através de uma experiência com a correspondência entre D. Pedro II e a Condessa de Barral realizada por mim no Programa de Doutorado em Literatura, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Primeiro, partiu-se do ponto em que é necessário afastar-se dos conceitos formados por Aristóteles na Poética, de que a literatura seria um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas, o discurso sobre o que poderia ter acontecido, e a história seria a narrativa dos fatos verídicos do passado. Assim, mesmo levando em conta que a história *também* é uma narrativa portadora de ficção, mas ao contrário do escritor, o historiador não *cria* o traço no seu sentido absoluto, ele os « descobre », os converte em fonte e lhes atribui significado. Em sua ficção controlada pelo uso dos arquivos e fontes o historiador objetiva atingir o real acontecido imposto pelos rigores do método – a testagem, comparação e cruzamento – e sua versão do passado deve, hipoteticamente, poder “comprovar-se” e ser submetida à testagem, pela exibição das fontes, bibliografia, citações e notas de rodapé, como que a convidar o leitor a refazer o caminho da pesquisa se duvidar dos resultados apresentados. O texto, por sua vez, deve convencer o público leitor. O uso dos conceitos, das palavras, a construção de argumentos devem ser aceitos, colocando-se no lugar do ocorrido, em explicação satisfatória.

Em segundo, procurou-se afastar-se da linearidade histórica optando –se por uma contextualização da modernidade, onde se desenrolou a correspondência entre os nossos personagens históricos, Condessa de Barral e D. Pedro II. E focou - se exclusivamente nos sujeitos, tentando destacar como eles se constroem através da correspondência no seu dia a dia, como se mostram e se narram aos olhos do outro, quais as suas impressões relatadas e como era a dinâmica dessa fala. Sem preocupação em procurar dados na correspondência para fundamentar o que se escreveu sobre os dois personagens históricos até hoje, já que se tem a consciência de estar trabalhando com subjetividades e imaginário. Evidentemente que gostaríamos de detectar, ao final do trabalho, os pontos onde elas se tocam com a chamada « realidade » da história brasileira e com tudo o que foi exaustivamente narrado sobre os dois ao longo da historiografia.

Em vez de utilizar as cartas como « ilustração » de uma realidade já escrita ou de procurar « escavar verdades ainda não narradas sobre elas » (que seria o mesmo que escavar verdades sobre os dois ou sobre a história brasileira), optou-se por deixar a correspondência « falar » e para que adquira visibilidade dividiu-se o trabalho de maneira em que a *primeira parte* procura analisar as relações entre a escrita epistolar, a construção e a transformação de si, no sentido foucaultiano, efetuada entre os nossos dois personagens ao longo do relacionamento « epistolar » de quase quarenta anos.

E a *segunda parte* ocupa-se de uma certa ambiguidade percebida na correspondência, que mesclaria sentimentos de amizade, erotismo e amor. Elementos que trazidos à tona foram inseridos no quadro de suas significações históricas e culturais, como produtos sociais e discursivos que são. Diante da abstração de sentimentos, muitas vezes não « falados » pelos personagens, escolheu-se Roland Barthes para auxiliar na captação do discurso fragmentado de amor, que é tecido de desejo, imaginário, que representa uma enciclopédia da nossa cultura afetiva e não é dialético. Gira como um calendário perpétuo e não tem o poder de , por si, revelar a história de amor « real ». Assim tratou-se de captar esse discurso, sua beleza, a lamúria da impossibilidade, sua resignação a um estado dramático, por vezes triste, por outras eufórico e bastante erótico, se entendido a

partir do conceito freudiano,¹ como um impulso, prazer, um desejo de união, de se unir aos objetos do mundo, mas que tanto pode levar à paixão por outro quanto à paixão mística ou a uma expressão artística.

A ambiguidade erotismo/ amizade recebeu visibilidade a partir da concepção de Francesco Alberoni², que defende a idéia de que ao surgir na amizade, o erotismo, a princípio é apenas um acréscimo ou um desejo de conhecer melhor o outro, já que somente a intimidade erótica seria capaz de revelar aspectos desconhecidos e profundos da pessoa. A amizade, então, nesses casos, geraria uma confiança e um abandono tranquilo.

Nessa exposição mútua através do ato de escrever, onde é possível fazer aparecer o seu próprio rosto perto do outro como aponta Foucault³, a carta é também uma narrativa de si e uma narrativa da relação consigo mesmo. Nela é possível destacar, segundo Foucault, três elementos estratégicos: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações), as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores) e o corpo e os dias.

A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constituiria uma maneira de se treinar: tal como os soldados se exercitam no manejo das armas em tempo de paz, também os conselhos que são dados aos outros na medida da urgência da sua situação constituiriam uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante.

O texto pertencente ao gênero da “consolação” ofereceria ao correspondente, segundo Foucault⁴, as armas “lógicas” com as quais lutar contra o desgosto. Desempenha o papel de princípio reativador tanto para quem a escreve como para quem ela é enviada: reativação de todas as razões que permitem ultrapassar o luto e persuadir - se que a morte não é uma desgraça (nem a alheia nem a própria). A *consolatio* que deve auxiliar e corrigir um, é, ao mesmo tempo, uma *praemeditatio*

¹ BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989, p. 10.

² Ver: ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

³ FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. São Paulo: 1983, p.156

⁴ _____ *O que é um autor? Op. Cit.*, p.147.

útil para o outro. A escrita que ajuda o destinatário, arma o escritor e eventualmente os terceiros que a leiam.

A *consolatio* se manifesta pela primeira vez na correspondência do imperador e da condessa, em 23 de abril de 1868⁵, por ocasião da morte do conde de Barral, marido da condessa e através de um trecho da escrita do imperador:

“Condessa

Há certos desgostos que só o tempo pode minorar; contudo é dever do amigo dizer que os partilha. Ainda me custa a acreditar que não existe o bom do Conde, a quem tanto prezei, e, pedindo a Deus que dê forças à Condessa para continuar sua doce tarefa de educação de seu filho, a quem ainda mais estimo, se é possível, depois da perda que sofreu, não posso deixar de exprimir-lhe quanto desejaria que sua volta e a de seu filho à terra de seu nascimento, e onde tenho fé que um belo futuro espera a seu filho pudesse trazer-lhe o conforto na sua dor. Escuso manifestar-lhe o prazer que a todos causaria essa sua resolução” (...)

Em maio do mesmo ano uma nova carta⁶ do imperador sugere que ele pretende transcender a *consolatio* no sentido de oferecer as armas lógicas para que ela lute contra o desgosto. Ele tenta agora oferecer argumentos que lhe parecem lógicos e que tenham o poder de operar uma mudança em sua vida e na do filho Dominique. Ao mesmo tempo percebe-se que o seu desejo em operar uma mudança radical na vida da condessa a traga para perto de si.

“Condessa

Não sei como lhe agradecer a regularidade com que tem escrito a quem, aliás, tanto a estima e estimava o Conde, no meio do desgosto que lhe causou a morte d’ele. Contudo creio que me relevará o dar-lhe conselhos sobre o feiticeiro de seu filho, que naturalmente ainda mais prezo depois da perda de seu pai.

Dominique nasceu no Brasil, sua mãe e a família d’esta é brasileira, portanto chegando ele à maioridade, não declarará que prefere ser francês, o que aliás poderia fazer mesmo achando-se aqui. Tem talento, sua família é justa e geralmente estimada no Brasil; as carreiras têm menos concorrentes aqui; as qualidades de Dominique o tornarão decerto sempre digno de proteção que não lhe será negada, logo onde convirá mais que ele conclua sua educação? Aqui responderei eu, e no

⁵ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada. Op. Cit.*, 134.

⁶ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*, p. 135.

Colégio de Pedro 2º- veja o que diz Agassiz⁷ desse estabelecimento – a terá completa e inteiramente brasileira até entrar em qualquer das casas superiores. Que faria eu, pois, no caso da condessa? Voltaria ao Brasil no fim do curso de 1869 estaria Dominique preparado para entrar no Colégio de Pedro 2º no ano que o adiantamento de seus estudos permitisse. Julgo que poderia entrar para o 4º e só teria que cursar este; se a Condessa quisesse que ele fosse bacharel, que antes poderia ele estar habilitado para qualquer dos cursos superiores, parecendo-me o de engenharia mais útil ao Brasil e mais brilhante para quem preferisse a tudo o valor do próprio nascimento, e o de direito próprio para a política e a diplomacia. Não lhe escrevi mais cedo tão desenvolvidamente sobre este assunto porque também eu sentia vivamente a morte do excelente Conde, desejando que a franqueza de verdadeiro amigo com que lhe escrevo seja um consolo a seu sofrimento.

(...) Creio que é uma carta sofrível; mas, se tivesse tempo, mais conversaria. Adeus!

Seu afeiçoado

D. P.”

Aqui a *consolatio* tanto do imperador quanto da condessa se tocam com os fatos da “realidade” vivida pelos dois.

Em uma outra carta, escrita pela Condessa o princípio reativador, contido e apontado por Foucault,⁸ é ressaltado Percebe-se no trecho da carta a seguir, escrita após a rendição de Napoleão III, na decadência do seu império, em 1870, em plena fuga dos nobres que tentaram atravessar o canal da Mancha para se refugiarem na Inglaterra que a Condessa de Barral narra as atribulações vividas, ao mesmo tempo em que reativa todas as razões que lhe permitem ultrapassar as intempéries e prosseguir com o que ela entende por dignidade. Ao mesmo tempo ela oferece aos imperadores as suas armas particulares para lutar contra eventuais e futuros contratemplos, e oferece um olhar de si mesma reativado, onde os valores que mais preza são evidenciados como a coragem, o destemor, a fidelidade aos amigos, os deveres maternos, o amor à arte e a ciência e a admiração por quem tem coragem de defender e até morrer por seus manuscritos preciosos. É esse o sujeito que ela reconstrói permanentemente na correspondência e o expõe ao imperador. (p.127 - tese)

⁷ Jean Louis Rodolphe Agassiz, naturalista e geólogo suíço, radicado nos Estados Unidos e professor da Universidade de Harvard. É colaborador do livro “Viagem ao Brasil” (1865-1866) juntamente com sua mulher Elizabeth Cabot Cary.

⁸ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

A correspondência não deve ser encarada como um prolongamento da prática dos *hypomnemata*. Foucault⁹ a classifica como algo mais que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro: ela se constitui também de uma certa maneira que cada um tem de se manifestar a si próprio e aos outros. Ela tem o poder de fazer o escritor “presente” àquele a quem a se dirige. E o escritor não está presente apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas e infortúnios, estaria presente de “uma espécie de presença imediata e quase física. A carta proporciona um tipo de face- a - face e uma reciprocidade que não se restringe ao simples conselho ou ajuda; é ela a do olhar e do exame.

A carta, continua Foucault, na sua qualidade de exercício, labora no sentido da subjetivação do discurso verdadeiro, da sua assimilação e da sua elaboração como “bem próprio”, constitui também ao mesmo tempo uma objetivação da alma. Por meio dela abre-se ao olhar dos outros e instala-se o correspondente no lugar do deus interior. O trabalho que a carta opera sobre o destinatário e escritor implica uma “introspecção” no sentido de uma decifração de si por si, mas principalmente como uma abertura de si mesmo que se dá ao outro.

Há alguns pontos estratégicos, colocados por Foucault¹⁰, que com o correr do tempo vão tornar-se os objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação de si: *as interferências da alma e do corpo* (mais as impressões que as ações) e os *lazeres* (mais do que acontecimentos externos); o corpo e os dias.

As notícias da saúde, que fazem tradicionalmente parte da correspondência e ao poucos adquirem a dimensão de uma descrição detalhada das sensações corpóreas, das impressões de mal-estar, das diversas perturbações que se experimentou. Outras vezes se trata de relembrar os efeitos do corpo sobre a alma. A ação exercida pela alma em retorno, ou a cura do corpo pelos cuidados prestados à alma. Ambas são objetos privilegiados nas cartas do imperador e da condessa

Escreve o imperador¹¹ sobre o seu mal-estar, enaltecendo os cuidados:

(...) “A saúde é boa apesar d’uma tosse manhosa que irei curando com pastilhas de Napé.” (..).

⁹ O que é um autor? *Op. Cit.*, p. 149-150.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* *Op. Cit.*, p. 153-159.

¹¹ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada.* *Op. Cit.*, p. 53.

Em outros momentos¹² é a saúde da condessa que lhe desperta preocupações:

(...)“Como estará de suas dores de cabeça? Espero que o pacote francês tenha trazido boas notícias”. (...) (...)“Muito triste fiquei com a notícia de sua moléstia. Trate bem de sua saúde que fazendo-o não pensa somente em si. (...) (...)“Como vai dos seus incômodos? E o frio? Aqui tenho – 0 de 87° Fahrenheit e contudo goso de excelente saúde.”¹³(...)

Alguns trechos da correspondência chamam a atenção pelo prazer que tanto um quanto o outro sentem diante de certos lazeres e pela forma que expressam essas impressões. Em carta/diário de abril de 1882 escreve a condessa¹⁴:

(...)“Cheguei a Paris às 11 h. da manhã com 24 horas de caminho de ferro o que é tremenda esfrega sobretudo porque a riviera di ponente é tão bonita que não se quer dormir e que vim sempre de óculos no nariz admirando, e de ventas dilatadas cheirando as belas flores.”(...)

Assim, constantemente os dias são revisados e expostos, não por sua excepcionalidade, mas com destaque nas impressões de cada um sobre o comum e o desejo de compartilhá-lo com o outro. Relatar o seu dia e não por causa da importância dos acontecimentos, mas justamente na medida em que eles nada têm para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, a qualidade de um modo de ser. É como “viver sob o olhar de outrem sem nada ter a esconder”. Quando a carta faz a narrativa de um dia vulgar, nela evoca o muito útil hábito de “passar em revista o seu dia”, é o exame de consciência aos moldes dos pitagóricos, epicuristas e estóicos. Um exercício mental de memorização com o objetivo de se constituir como inspetor de si mesmo e avaliar as faltas comuns e reativar as regras de comportamento que é preciso ter sempre no espírito. Todo o conjunto de sutis informações sobre o corpo, a saúde, as sensações físicas, o regime e os sentimentos mostram a extrema acuidade de uma atenção vivamente concentrada em si próprio.

¹² *Ibid.*, p.51.

¹³ *Ibid.*, p.68.

¹⁴ *Ibid.*, p. 206.

“Nada de novo a não ser sua carta tão boa de 14 do passado. Como saborearíamos o jantarinho bem perto um do outro para conversarmos à nossa vontade! Saiba ao menos que seu amigo lhe quer sempre o mesmo e que suas cartas o alegram neste deserto que nem d’ele tem o sossego o outro.”¹⁵

Ao escolher o discurso que narraria o descontentamento pela ausência das cartas da condessa, o imperador, cuidadoso, muito se parece com o « homem sedutor » apontado por Alberoni ¹⁶, pois consegue revelar o seu desejo, mas sempre com o cuidado de colocar em primeiro lugar o desejo da mulher, afastar-lhe os medos e a levar a realizar o que a fez fantasiar.

“Condessa

Hoje deixo a Itália sentindo que você não a tivesse percorrido em minha companhia. Felizmente d’aqui há um mês estarei aí e se você quiser que de boas conversas teremos! Creia que as saudades crescem todos os dias – o mato custa a romper – e muita falta me têm feito suas cartas que julgava seriam freqüentes à medida que eu me aproximasse. Quem sabe se hoje não chegará uma: porque você agora escreve - me, - vá lá uma francesice! – à tour de role. Adeus!

Hoje estou um pouco mau, - embora a culpa seja de você – e por isso agora termino. Não sabe a raiva que me faz receber jornais de ontem de Paris e nem uma linha de você. Mas não vá ter medo de nosso encontro e fugir ainda mais de quem já estimou tanto. Com efeito é preciso que eu largue esta pena que eu queria que tivesse penas como um passarinho para voar até – bem sabe onde! (...)

Seu e sempre seu

P.”¹⁷

Junto do elemento erótico contido nas cartas há nuances de amor que intensificam-se em seus discursos nos nove últimos anos de suas vidas. Por eles apenas julgou-se impossível conhecer uma história romântica “real”, pois pouco é falado a não ser o que se passa no universo da subjetividade, das impressões, dos sentimentos e dos desejos. Discurso rico que foi caracterizado categoricamente por

¹⁵ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada. Op. Cit.*, p. 305.

¹⁶ ALBERONI, Francesco. *O erotismo. Op. Cit.*, p. 87.

¹⁷ MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada. Op. Cit.*, p.236.

dois historiadores como entediante (Raimundo Magalhães Júnior) e como “prova irrefutável” do suposto adultério do imperador.

Focando-se no discurso, percebeu-se que o “tédio” da estrutura dominante das cartas nesse período assemelha-se muito à dialética particular que Barthes¹⁸ captou do discurso amoroso. Uma escrita vazia (codificada) e expressiva (carregada da vontade de significar desejo) que contém mais ou menos os mesmos elementos das cartas escritas pelo jovem Werther¹⁹ a sua amada Charlotte, personagens de Goethe.

Para ele, quando Werther (em exercício junto ao embaixador) escreve a Charlotte, sua carta obedece ao seguinte plano: 1. Que alegria pensar em você! 2. Encontro-me aqui num meio mundano, e, sem você, sinto-me sozinho; 3. Encontrei alguém (a senhorita B...) que se parece com você e com quem posso falar de você; 4. Faço votos de que nos possamos reunir. – Uma única informação é variada, ao modo de um tema musical: *penso em você*. Que quer dizer isto, ‘pensar em alguém’? Quer dizer: esquecê-lo (sem esquecimento, não há vida possível) e despertar muitas vezes desse esquecimento. Muitas coisas, por associação. Inserem você em meu discurso. ‘Pensar em você’ não quer dizer nada mais do que esta metonímia. Pois, em si, esse pensamento é vazio: não o penso; simplesmente, faço-o retornar (na medida mesma em que o esqueço). É a esta forma (a este ritmo) que chamo ‘pensamento’; *nada tenho a dizer a você*, senão que este nada é a você que o digo.

O amante ou o “amoroso” seria presa dos cacos desse discurso que gira entre o *magoado*, narrando exaustivamente sobre a sua mágoa; o *intratável*, que afirma o seu amor contra tudo e todos; o *ausente*, que transforma a ausência temporária do objeto amado em provação de abandono; o *ciumento*, entre muitos outros, mas que se resumem a uma pergunta: o que o mundo, o que o outro vai fazer do meu desejo?

Contrariando a carta como “prova” histórica apontada pela historiadora Mary Del Priore, lembramos que Barthes nos alertou que o discurso amoroso é um

¹⁸ BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003

¹⁹ Referência dos Sofrimentos do Jovem Werther (1774)

solilóquio, o aparte, que acompanha a história sem jamais conhecê-la. E as cartas são documentos agonísticos, que tensionam as fronteiras entre exhibir-se X ocultar-se; presença X ausência; distância X proximidade; oralidade X escrita; realidade X ficção. É um gênero móvel e fluido em suas estratégias de linguagem e em seus limites discursivos.

Como já afirmamos, a escrita epistolar permite ao indivíduo criar uma literatura de si, e essa literatura é tão transgressiva quanto aquela que objetiva transpor os limites da linguagem, pois se trata de reinventar a si mesmo, de transpor o limite do que somos no espaço do “entre.” Assim, as cartas produzem uma literatura de si que torna visíveis dois aspectos importantes: o caráter intersubjetivo/dialógico da produção da subjetividade e exibem especialmente o estatuto ético e estético da fabricação de si.

Esse aspecto estético da escrita epistolar é entendido a partir de Baumann²⁰, que utiliza a noção de “esboço de si” para destacar o caráter de auto-estilização da correspondência, onde um eu “forma”, um eu “acontecimento”, um eu “como tarefa a ser realizada”, um eu “versátil que se constitui como ficção” em e mediante o ato de escrever.

Dessa forma, pode-se afirmar que **as literaturas de si** produzidas pela condessa e pelo imperador, **são esboços de si mesmos** e desvelam o “eu” como uma forma plástica que se esculpe no espaço intersubjetivo da correspondência.

²⁰ BAUMANN, Gerhart. Apud. ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

Abstract: This essay, through the study of the correspondence between the Emperor of Brazil D. Pedro, The Second and The Countess of Barral, proposes a renewed discussion of some possibilities and limits of epistemological writing in their letters, from the pertinent concepts that can dilute boundaries and partly relativize the duality pairs: truth / fiction, real /unreal, science and art, realizing them as an authorial and subjective narrative like as discursive space of persons that produce a fictional discourse about themselves and their own self relationships, even under the eyes of another person, favoring more their own impressions than their actions, as well as the interferences of their souls and bodies over the external events, in the Foucauldian sense, thus expanding their interpretation/use and contributing to a closer relationship between History and Literature.

Keywords: history, literature, epistemological writing, historical sources, correspondence.

Referências

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMANN, Gerhart. In: ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. São Paulo: 1983.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Passagens, 1992.
- MAGALHÃES JR. Raimundo. *D. Pedro II e a condessa de Barral*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1956, 436p.
- MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. *Pedro e Luísa – construções de si: a escrita epistolar de D. Pedro I e da Condessa de Barral*. Florianópolis: 2009. Tese de Doutorado. (Doutorado em Literatura) – Centro de Ciências da Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina.